

A FOTOGRAFIA COMO SUBSÍDIO PARA EVOCAR A MEMÓRIA

Jackelina Pinheiro Meira Kern(UEFS)
jackelinapm@ig.com.br

Marise de Santana (UEFS)
nabaia@ig.com.br

1 INTRODUÇÃO

As imagens vistas ao caminhar nas ruas estreitas de Juazeiro e as do centro antigo de Petrolina me remetiam a lembranças de várias outras cidades que nasceram nas margens do rio São Francisco e que pude conhecer ao longo da minha existência, principalmente lembranças da minha cidade, Xique-Xique, no interior da Bahia. O encantamento veio quando observei, por vários momentos, os traços, que desenhados no alto das casas, despertaram de imediato a ideia de uma obra de arte: as platibandas.

Diante disso, passei a analisar de que maneira poderia contribuir com o registro e a história dessas casas, procurando saber quem foram os moradores que habitaram as residências no início do povoamento das cidades e de onde vieram os construtores que tão bem bordavam aquelas platibandas. Deste modo, propus-me a pensar em uma forma de registrar a memória visual relacionada ao ambiente urbano existentes nas cidades de Juazeiro/BA e Petrolina/PE. Através das imagens, faz-se um testemunho de uma época, uma interpretação sobre o passado e um alerta para a preservação do patrimônio material. As casas e os desenhos das platibandas encontrados nas casas do Vale nos remetem a lembranças de símbolos de poder constituído de maneira a enobrecer os que ali habitavam.

Documentar o primeiro lugar de convivência das pessoas: a nossa casa, o nosso lar, considerada como o centro geométrico do mundo, na qual a cidade cresce a partir dela em todas as direções. A partir deste objetivo, este artigo, resultante da pesquisa desenvolvida no Mestrado em Desenho Cultura e Interatividade no Departamento de Artes e Letras na Universidade Estadual de Feira de Santana, discorre sobre a memória e a sua relação com a fotografia no registro de casas, desenhos de platibandas e construções arquitetônicas encontradas ao longo do rio São Francisco, mais precisamente nas cidades de Juazeiro/BA e Petrolina/PE construídos entre o final do século XIX e a década de 1930.

Estas edificações estão situadas geograficamente na área de abrangência do Rio São Francisco, cuja área de extensão é de 2.800km e drenando aproximadamente 641.000 km². O Rio começa no estado de Minas Gerais, passando pelos estados da Bahia e Pernambuco até

desaguar em Sergipe e Alagoas. Penedo foi o primeiro núcleo povoador das margens do São Francisco. A cidade foi fundada em 1522, no atual estado de Alagoas, por Duarte Coelho Pereira. Ao longo desses anos, a região do Vale, especificamente as cidades de Juazeiro e Petrolina, caracteriza-se por uma bonita arquitetura remanescente do desenvolvimento da região e da grande influência comercial. Como diria Theodoro Sampaio, Juazeiro no início do século XX era “a corte do sertão” (DUARTE, 1985).

As cidades foram se proliferando no litoral, como ponto inicial de ocupação e local de centralização da produção para a sua exportação no comércio com a Europa, e no comércio triangular (incluindo a entrada dos africanos) entre Brasil, Europa e África; nas margens de rios importantes como o São Francisco, uma vez que as estradas eram precárias ou inexistentes, e nos entroncamentos de estradas de passagem para o desbravamento ou criações de quilombos dos negros fugitivos do sistema de escravidão.

Esta matriz construtiva somente passou a ser alterada com o advento do século XX, no qual o incremento do comércio aliado ao início da produção industrial e o conseqüente deslocamento populacional (ao menos nos centros maiores e mais dinâmicos) provocaram a necessidade da expansão da área urbana e a absorção, em parte, das chamadas chácaras, forçando, até mesmo por questões de logística, a ocupação em definitivo do espaço urbano. Nesse momento o modelo das construções passou a sofrer significativas mudanças, em que pese ainda a chegada substancial de imigrantes com novas concepções, como a adoção da platibanda, um elemento construtivo do século XIX, que passou a ser obrigatório a partir do regimento do Código de Postura (REIS FILHO, 1978) em alguns Estados, inclusive na Bahia, emoldurando a parte superior das casas, além de ostentar a classe social a que pertencia uma família e camuflar, muitas vezes, o tamanho real de uma casa simples, tinha a finalidade técnica de conduzir o escoamento da água da chuva para a parte lateral da casa e evitar que a água caísse diretamente na rua, uma vez que a maioria das casas ficava posicionada rente ao passeio.

A ideia para desenvolver a metodologia dessa pesquisa partiu das conversas realizadas com os moradores das casas pesquisadas. Assim, em uma comparação, das próprias fachadas e também das análises das imagens fotográficas das casas, análises essas, feitas em primeiro lugar pelos seus moradores, e que fazem parte da pesquisa, com o que havia anteriormente na arquitetura, na memória e na cultura do Vale do São Francisco.

Por isso, procurou-se registrar por meio de imagens fotográficas, as casas, uma vez que não há documentação visual sobre a maioria das cidades ao longo do rio nos acervos das Bibliotecas Públicas Municipais. Souza (2002) atenta para o uso da fotografia como

documento que registra uma imagem no tempo, uma vez que essas cidades - a começar por onde resido atualmente, Juazeiro e Petrolina -, sofrem uma rápida transformação no panorama urbano, acentuadamente desde a chegada dos projetos de irrigação no Vale Sub-Médio do São Francisco, a partir da década de 1970. Documentos e monumentos, informação e comunicação, captando a realidade hoje e a realidade criada no século passado.

Visualizando as cidades através da fotografia, percebemos o diferencial de antes de 1970 e pós 70, época que foram iniciados estudos e implantados posteriormente os projetos de irrigação no Vale do São Francisco. O panorama urbano foi bastante modificado, principalmente no setor mais nobre de Petrolina onde as casas com platibandas decoradas deram lugar aos prédios contemporâneos. Em Juazeiro nos últimos anos, o cidadão buscou refúgio nos condomínios, preservando o centro da cidade para o comércio local.



Foto 02

Avenida Américo Alves

Rua após o Rio São Francisco em Juazeiro/BA no início do século XX

Fonte: Acervo Maria Franca Pires

A construção do referencial teórico-metodológico é baseado na Hermenêutica da Profundidade de John B. Thompson que pode nos fornecer um parâmetro adequado para análise sócio-histórica sobre temas como cultura, memória, poder, religiosidade e formas simbólicas, aliada às análises das narrativas dos moradores pesquisados.

Thompson (1995) propõe uma tríplice análise da HP, para compreendermos como as pessoas produzem e recebem as informações na sua vida cotidiana. A Hermenêutica da Profundidade está dividida em três partes relacionadas que facilitam a pesquisa a partir do

momento que compreendemos a forma de investigação acerca do objeto e da amostra que estamos pesquisando.

A HP, segundo THOMPSON (1995 p.79) “[...] resumidamente, é o estudo da construção significativa e da contextualização social das formas simbólicas” inseridas nos contextos sociais, em tradições históricas e que são parte da história, tanto sua racionalidade quanto sua ideologia. Para ele, formas simbólicas são: “Um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos” (ibdem, p.79). Thompson chama a avaliação de como os sujeitos entendem a sua realidade de momento etnográfico. Dessa forma, utilizaremos desse sistema para avaliar a sociedade na perspectiva da cultura.

A hermenêutica da vida cotidiana, que chamamos de interpretação da doxa, reconstrói as maneiras de como as pessoas entendem a realidade ao seu redor, assim, sendo este é o primeiro passo para os trabalhos hermenêuticos capazes de dar conta de ambientes sociais de grande complexidade. Com essa ferramenta podemos analisar o contexto sócio-histórico e espaço-temporal que cerca a pesquisa em uma avaliação criteriosa de como os sujeitos entendem sua realidade cotidiana. Enquanto estivemos no campo, uso de métodos etnográficos como a fotografia pode dar suporte para reconstruir a maneira de como as pessoas estão percebendo a realidade ao seu redor, suas opiniões, crenças e compreensões.

Na concepção teórica proposta por Thompson, as distintas dimensões de análise são divididas em análise sócio-histórica, onde serão produzidas e recebidas as formas simbólicas em condições sociais e históricas específicas; análise das situações espaços-temporais em que as obras são produzidas (faladas, narradas, inscritas) e recebidas. Sobre isto, Thompson argumenta que um campo de interação social pode ser conceituado, sincronicamente, como um espaço de posições e, diacronicamente, como um conjunto de trajetórias vivido e acumulado por cada sujeito.

Já a análise formal ou discursiva parte do pressuposto de que os objetos e expressões que circulam nos campos sociais são construções simbólicas complexas que apresentam uma estrutura articulada. As formas simbólicas são produtos contextualizados, que têm capacidade e têm por objetivo dizer algo acerca de alguma coisa. Segundo o autor "(...) pode ajudar a realçar algumas das maneiras como o significado é construído dentro das formas quotidianas do discurso" (THOMPSON, 1995). Sendo assim, deve-se levar em consideração o momento de desconstrução das análises dessas formas simbólicas.

E por último, a interpretação/re-interpretação que sugere, a partir da observação dos resultados das duas fases da análise discursiva e da análise sócio-histórica, o uso de métodos

particulares e intrínsecos de análise sem cair nas armadilhas do reducionismo e do internalismo de pensamento sobre as formas simbólicas.

Thompson (1995) apresenta um discurso que relata uma sequência de acontecimentos, o que compreendemos ser uma história de vida. Neste estudo, utilizaremos a narrativa para reconstruirmos os aspectos sócio-históricos nos vários contextos sociais, investigando os pontos de convergência, sendo, deste modo, uma interpretação da história oral.

A partir dessa perspectiva metodológica, o uso da história de vida dos moradores, parentes próximos dos proprietários construtores dessas casas e que ainda residem nas propriedades, fazem parte do contexto que envolveu a pesquisa, onde foi utilizado a história de vida como técnica aliada à análise da fotografia das casas que serão apresentadas aos moradores. Vinculamos mais uma vez a HP para nos orientar em uma análise formal ou discursiva uma vez que esses moradores serão a nossa principal referência. Como diz Martins (2008), o sentido de uma vida inteira está ali – a casa e a família. A história de vida pode ser identificada como processo de reconstrução da identidade, e não apenas como relato factual principalmente por uma característica da memória que é ser “flutuante e mutável” (apud POLLAK, 1992, p.201).

A IMAGEM PARA EVOCAR A MEMÓRIA

Apesar de reconhecerem a necessidade do desenvolvimento econômico e social, as pessoas desejam que as construções, principalmente as que estão deixando de existir concretamente, fiquem registradas visualmente para que os que vivem hoje e os nossos descendentes possa lembrar-se de como foi a cidade no passado. Deste modo, ao olhar as fotografias sobre as casas, não se trata de recriar o passado, mas provocar uma reflexão, ressaltar a memória, trazer para dentro de nós, moradores e visitantes o sentido de pertencimento a um lugar.

Sabemos que as fotografias do passado foram utilizadas em nosso tempo para a reconstituição dos lugares, dos cenários e até mesmo para a identificação destes locais que já não existem mais. Detalhes que modificados com o tempo e com a necessidade urbanística são vistos como uma relíquia, principalmente quando aliados as pessoas e ao patrimônio imaterial riquíssimo que existe ao longo do rio.

Adotaremos, para tanto, o uso da fotografia como documento histórico e etnográfico, uma vez que consideramos as imagens fotográficas uma das contribuições para a identificação da cultura de um povo, assim como para a construção da memória.

Em seu trabalho, na busca de compreender e analisar a fé, as festas e o sagrado, em Salvador especificamente, através da imagem fotografica, FERREIRA (2004, p. 31) tem como ponto de partida o registro através da fotografia, e como metodologia de análise a aplicação de entrevistas com as pessoas fotografadas, em um momento posterior. Também foram aplicados questionários aos visitantes das exposições fotográficas, do material coletado anteriormente, realizadas em Salvador, Feira de Santana, São Carlos e São Paulo.

O mesmo autor afirma que uma imagem comunica, dialoga com quem diante dela se coloca. Assim sabemos que as fotografias do passado foram utilizadas em nosso tempo para a reconstituição dos lugares, dos cenários e até mesmo para a identificação destes locais que podem já não existir. Detalhes que, modificados com o tempo e com a necessidade urbanística, são vistos hoje, talvez como um entulho ou como uma relíquia.

Neste sentido, a fotografia, que foi utilizada por Ferreira como recurso material para fixar a imagem, foi também o recurso utilizado para, através dos questionários, abordar a questão da memória coletiva, a intensidade de sua manifestação, e a forma como a mesma é permeada pela questão da etnicidade. Conforme o autor, a utilização da fotografia foi positiva, pois permitiu, com base nesse material, avançar e desenvolver seus questionamentos.

Brassai (2005, p. 62), um observador da paisagem urbana em Paris, uma das cidades em que a arquitetura transborda ao apelo visual diz em Proust e a fotografia: “ali onde eu buscava as grandes leis chamavam-me de escavador de detalhes.” Estabelecendo um novo entendimento entre fotografia e memória involuntária, tanto Proust como Brassai se entregam a testemunhar uma paisagem urbana e conseguem o papel decisivo como finos observadores.

Baseado na vida do fotógrafo Marcel Proust, Brassai trabalha a memória entre o real e o imaginário, a tristeza e a felicidade guiado divinamente pela lembrança, como assim dizendo, pela memória involuntária e pela imagem latente, afirmando mais uma vez o lugar da fotografia na história da arte. Considerando que as imagens são documentos históricos por carregarem em si o testemunho de uma época, a partir do uso das mesmas como lugar de memória, uma interpretação do passado ocorrerá e as informações serão transmitidas, como a da própria preservação do patrimônio.

Boris Kossov (2001) lança a pergunta de como podemos empregar a imagem enquanto instrumento de investigação e interpretação da vida histórica. Ao analisar as fotografias, nesta perspectiva histórica, parte-se do princípio de que a nossa história não é

meramente uma seqüência de datas, fatos puros, sem nenhuma influência externa, para que possamos compreender melhor o que aconteceu com a cidade e como vivemos no presente.

“A fotografia é, ao mesmo tempo, uma forma de expressão e um meio de informação e comunicação a partir do real e, portanto, um documento da vida histórica”. (KOSSOY, 2001, p. 131). A interpretação histórica proposta por Kossoy faz referência principalmente à fidedignidade do conteúdo e à fidelidade do profissional à sua proposta que tanto pode ser de caráter publicitária ou prazer documental e estético.

Documentar através da fotografia e fazer as pessoas perceberem que essas fotos fazem parte de suas vidas tem sido o trabalho desenvolvido por Sebastião Salgado (2000). Há quase quatro décadas, Salgado trabalha a fotografia como um instrumento para fazer uma denúncia, uma crítica social, de caráter fotodocumental, forçando uma reflexão sobre a pessoa ou o objeto fotografado e até mesmo da pessoa a quem fotografou.

As fotografias tiradas dos desenhos que encontramos ao longo de um passeio pelas ruas da nossa cidade ou de outras visitadas ao longo da vida, retratam parte da história de um povo, de seus operários e até mesmo dos que por lá como nós passaram. Muitas foram as vezes que em conversas com pessoas nas ruas de Petrolina, escutamos comentários sobre a perda dos desenhos no alto das casas que traziam figuras como esfinges, águias e brasões familiares que levavam muitas pessoas a imaginar o seu significado.

Gomes (1996, p.108), em relação aos diversos tipos de desenho, assevera que:

Ainda, se qualquer desses tipos de desenho nos causar sensações ou um estado de espírito prazeroso, devido à sua estética ou à habilidade com que foi executado ou projetado, justamente porque transmite uma vivência especial e profunda do desenhador suscitando o desejo de prolongamento ou renovação do sentimento sobre a vida, este desenho passa a ser, também, arte.

Ao caminhar pela cidade e observar as construções, verificamos o valor histórico referente ao registro, da referência dos moradores que residiram, que tiveram funções sociais relevantes na cidade e que ainda guardam uma memória ao serem lembradas por historiadores e memorialistas como lugares de vivências e experiências. É o que ocorre com a casa de ramalhetes amarela, na rua Conselheiro João Alfredo, nº 2009, das mais belas encontradas nas cidades ao longo do rio, casa do primeiro dentista (conhecido na época como o “dentista das freiras”), Emídio Santana, onde hoje reside as suas netas Stellita Santana de Carvalho e Déa Rachel Santana, que cuidam da casa e nutrem um valor sentimental muito

forte ao falar do passado, com estórias curiosas a respeito da família que analisaremos mais a frente.

Santana nos fala dos desenhos de ramalhetes que existem na platibanda de sua residência. Como um jardim suspenso sempre foram pintados em cores diferente como verde, amarelo, branco e até coloridas. As platibandas decoradas de formas sinuosas e bordadas com flores entram em acordo com as janelas em formas arredondadas como vasos que também podem representar asas de insetos. As formas onduladas em desenhos das fachadas foram encontradas em várias casas que resistem as mudanças na cidade de Juazeiro. Já em Petrolina a existência de formas retas e escalonadas predomina na maior parte das casas o que trazem um ar mais limpo, retirando os excessos das fachadas muito utilizados no século XIX segundo o arquiteto Cosme Cavalcanti.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa, pudemos identificar que as fachadas das casas situadas em Juazeiro-Ba e Petrolina-Pe evidenciam aspectos da cultura dos seus moradores, por meio da recordações de passagens de suas vidas e das narrativas familiares.

Verificamos ainda as diferenças culturais baseado nos valores exclusivos de cada família visitada. A memória que, muitas vezes, pode ser silenciada acerca da vida familiar, foi evocada a partir das imagens das fachadas, trazendo recordações e fazendo emergir lembranças sobre a infância, as pessoas que por ali passaram e também pelos eventos que aconteceram na casa.

Retrocedendo junto como expectadora, trabalhamos entre o real e o imaginário, a tristeza e a felicidade associado as lembranças em torno das imagens e fotografias que permeiam durante a pesquisa.

Desta forma, o estudo tendo como objeto o desenho das fachadas trouxe evidências da influência da cultura passada de gerações anteriores, através de uma conceituação antropológica da imagem, da memória e da identidade. O desenho das platibandas constitui um marco do século passado, configurando o gosto que os artesãos e moradores tinham pelos detalhes que o progresso não destruiu, mas em vias de desaparecer atraído pelas inovações tecnológicas e arquitetônicas que passam por grandes transformações.

A representação social das casas que sobrevivem ao progresso e ao crescimento das cidades de Juazeiro/BA e Petrolina/PE na região do vale do São Francisco fornece subsídios, como sugere este estudo, para construir um diálogo sobre a cultura e a identidade dos seus

moradores, principalmente procurando identificar a percepção que as famílias têm sobre os desenhos expressos nas fachadas das casas.

No decorrer da pesquisa e a partir das narrativas dos moradores, pudemos ver florescer a preocupação com a memória social a partir da noção de consciência do patrimônio material e imaterial que achávamos não existir entre os moradores. Afinal, por que as casas seculares ainda estavam em pé? Os aspectos históricos registrados pelos moradores não foram esquecidos, as casas permaneceram como relíquia familiar e, mesmo sofrendo algumas modificações, o sentido de pertencimento familiar permaneceu. O moderno das cerâmicas, das garagens e varandas, os prédios vizinhos e suas fachadas não interferiram no modo de ver a sua casa como os seus pais ou avós deixaram.

Como imaginado no projeto, a pesquisa veio ao encontro a proposta inicial de que as fachadas das casas guardam em si a cultura dos seus moradores. Uns mais outros menos explícitos. Ainda não foi possível uma investigação profunda de cada caso. O primeiro contato foi lançado para que outras pesquisas nesse sentido sejam trabalhadas nas casas e cidades do vale.

A história oral foi desenvolvida como uma função extremamente importante uma vez que a partir das informações escritas em livros, buscamos a confirmação de informações trazidas por memorialistas que, olhando as fotos, foram contando quem morou, o ano de construção, qual a importância social e histórica e o porquê dessas casas virem a ser preservadas. A emoção e o sentimento de relembrar as experiências vividas fizeram os moradores entrevistados lembrar-se de quando eram crianças, permitindo assim identificar aspectos das construções.

Procurou-se desenvolver as questões relacionadas à fotografia e memória pelo fato da necessidade de evidenciar a validade e a suficiência da imagem como suporte de informação visual de uma época passada para servir como material de estudo no futuro.

Na cultura das cidades sertanejas de Juazeiro na Bahia e Petrolina em Pernambuco existem diferenças não percebidas pelos visitantes. Somente quem reside e de fato vive cada cultura, consegue perceber o tratamento das pessoas em relação a cada imagem vista, cada frase comentada, a música, o artesanato, a cultura de fato é diferente ainda que chamadas de cidades irmãs. A imagem das cidades no que diz respeito a arquitetura é diferente na primeira vista.

Ressaltemos, porém, que ao registrar imagens a atenção em mediar as idéias dos pesquisados em relação a mobília, o ângulo ou melhor espaço doméstico, encantava e seduzia

da mesma maneira baianos e pernambucanos. Quanto a lógica arquitetônica de uma cidade e de outra, isso realmente difere em relação ao material e complexidade no acabamento, mantendo porém o mesmo estilo neoclássico.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Jorge de Souza. **Juazeiro nos caminhos da história**. Juazeiro: Impressora Rocha Ltda, 1985.

FERREIRA, Edson Dias. **Fé e festa nos janeiros da Cidade da Bahia: São Salvador**. São Paulo: PUC-SP, 2004.

GOMES, Luiz Vidal Negreiros. **Desenhismo**. Santa Maria: Ed. Da Universidade Federal de Santa Maria, 1996.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia**. Em E. Samain (Org.) O fotográfico. São Paulo: Hucitec, 1998.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

POLLACK, Michael. **Memória e identidade social**. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p 200-212.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

THOMPSON, John. B. **Ideologia e cultura moderna**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995

Fontes orais

Stelitta Santana, entrevistada no dia 05 de agosto de 2010 na residência Rua Conselheiro João Alfredo, 2009.

Documentos

Expedição Engenheiro Halfeld – Relatório Rio São Francisco. Rede Marketing e Comunicação. 2002.

Inventário do Patrimônio Cultural do Estado de Pernambuco – Sertão do São Francisco – IPAC/PE.